

CIÊNCIA E HUMANIDADES

Nunca antes como agora estiveram, ciência e humanidades tão próximas uma da outra. Ambas têm estado presentes desde tempos remotos da civilização, mas o progresso da primeira e da sua filha, a tecnologia, assim como incontável número de aplicações que tem surgido em tempos recentes e de inovações que as sucedem, torna possível a sua crescente interação.

Os grandes avanços da ciência de outros tempos, tais como a demonstração do heliocentrismo do sistema solar, a lei da gravidade universal e a teoria da evolução das espécies, entre muitos outros, sacudiram as mentes dos pensadores e fizeram com que os humanistas se voltassem para a ciência. As implicações éticas dos avanços mais importantes e determinantes do futuro, alcançadas no século XX, são tantas que têm aberto um campo novo de preocupação e indagação. Por uma parte, nas ciências físicas, estão a relatividade, a mecânica quântica e o domínio da energia nuclear, com seus extraordinários benefícios quando empregada para o bem da humanidade, e seus imensos efeitos danosos, quando utilizada com fins bélicos e destrutivos. Por outra parte, na biologia, está a descoberta da dupla hélice e a consequente e progressiva revelação do código genético, com os extraordinários benefícios que promete e os evidentes riscos do uso de sua potencialidade para o mal.

A necessária revisão dos princípios éticos que aparecem com estes avanços da ciência e a tecnologia é notória; em particular destaca-se o desenvolvimento da bioética. As mudanças que estão acontecendo não são exclusivamente em nível de doutrina e docência, mas também em manifestações práticas. Hoje em dia não existe instituição de investigação ou centro hospitalário onde não exista uma comissão de bioética cujo importante papel é reconhecido por todos.

Não é possível conceber atualmente um programa acadêmico em qualquer ramo das ciências e suas aplicações que não considere uma opção de análises humanística das realidades e das consequências do desenvolvimento científico. Tampouco se concebe um programa docente nas humanidades que não inclua a análise do impacto do desenvolvimento das ciências na vida e na convivência dos seres humanos. De fato, a matéria de ciência e humanismo adquire cada vez maior relevância nos programas de educação do segundo grau.

O crescente contato e interação entre praticantes de ambas as frentes é, sem dúvida, enriquecedor. Além de indagar sobre a natureza humana, oferece a possibilidade de revelar complementariedades difíceis de prever ao interior de cada especialidade e leva à colocação de ideias inovadoras para a solução de problemas resultantes do isolamento setorial. Essa interação contrapõe-se ao aparente enfrentamento entre duas culturas, humanismo e ciência, e abre as portas ao conceito de ciência como cultura. No final, se concebe que ambos se nutrem mutuamente.

As opiniões dos cientistas naturais sobre as humanidades se encontra em um processo de mudança que é bemvindo. A necessidade de um contrapeso ao isolamento do afazer humano que mostra, por um lado, a atividade de muitos investigadores, e pelo outro, a conscientização da influência da ciência e a tecnologia em todas as esferas da atividade contemporânea, levam a tal mudança. Por sua parte, as expressões do espírito se vem afetadas pelo progresso material ao nosso redor, pelas mudanças produzidas na natureza e por aquelas produzidas pelo homem, o qual finaliza na consideração e reavaliação da validade dos resultados e consequências do progresso científico e tecnológico.

MIGUEL LAUFER
DIRETOR, INTERCIENCIA